O CAMINHO DAS ESTRELAS

«Amamos demasiado as estrelas para recearmos a noite» (1)

A mais elementar lógica garante-me que Carl Sagan não viu as pinturas de Guilherme Parente, e o bom senso aconselha-me a duvidar que o Guilherme Parente tenha chegado a estas imagens depois de ler «Cosmos». Mas, mesmo assim, e conforme ao pensamento de um antiquíssimo filósofo chinês, Chuang Chou, para quem as dez mil coisas são uma só, admitir-se-á, sem dificuldades de maior, que acerca destas imagens se poderia evocar uma breve passagem de Sagan que afirma: «embarcamos para a nossa viagem cósmica com uma pergunta que foi pela primeira vez formulada nos alvores da nossa espécie e repetida geração após geração, sempre com o mesmo fascínio: o que são as estrelas? (...) Começamos como viajantes e viajantes continuamos a ser». De que nos falam elas, pois, senão de viagens, no espaço e no tempo, da pintura e da vida? No tempo da pintura, evocadoras ainda das sereníssimas aguarelas de Klee, em Marrocos; no espaço da vida, de um inesgotável imaginário viajante, que se dispensa do aparato da ultrasofisticada tecnologia e da astrofísica, para se socorrer tão somente de lendários tapetes voadores que, — como nas mil e uma noites que não receamos mas antes desejamos — igualmente nos transportam de estrela em estrela, sobrevoando os oceanos —os terrenos e os cósmicos. Apraz-me olhar para elas assim, como se, no mais saboroso sentido ilustrativo, constituíssem folhetos de viagem para publicidade de uma qualquer transportadora intergaláctica, à medida dos nossos sonhos mais desmedidos: porque a arte é afinal também isso, a promessa inexorável do desmesurado, da visita tornada possível aos universos intocados, o ágil embraiador dos nossos mais íntimos fantasmas e anseios, a promessa do devir. Esta pintura faz-me também pensar em praias, e, nota-o ainda Sagan, «a praia faz-nos pensar no espaço». Parece-me, de resto, que esta saudável evocação da luz e do calor, nos remete de imediato para o que, tomando agora os termos de uma reflexão mais directamente conectada com a história das formas, se poderia entender como reapropriação actualizada e actualizante de uma memória pop, tanto mais interessante quanto passa à margem dos modismos em voga, cristalizados em figurinos de consumo fácil. Sabiamente ela encaminha-nos em direcção a um universo de pura fantasia, literalmente fornecendo-nos os meios para aceder a essa dimensão de viagem de que (quase) toda a arte é portadora. Relato de imaginárias andanças, estas imagens celebram, na sua fulgurante presença, na luminosidade das suas cores e no *sfumato* das suas névoas de aguarela, esses imemoriais anseios de transpôr fronteiras — as físicas e as da fantasia, — e magicamente transportam-nos aos mais imprevistos cenários, numa vertente de alegria límpida e solar, como numa *magical mistery tour* transpictural. A pintura de G.P. assume assim, cristalina, quase ingenuamente, esse antiquíssimo amor pelas estrelas que afasta o receio da noite, incessantemente recolocando a questão do que elas possam ser, e mostrando-lhes uma face recôndita, só tornada visível através dos telescópios da pintura: a sua face encantada, onde podem ainda mover-se, como num teatro de sombras, as míticas criaturas da nossa fantasia. «Estamos finalmente prontos para zarpar a caminho das estrelas» (2).

Porto, 26 de Fevereiro de 1985 Bernardo Pinto de Almeida

(1) Chuang Chou (c. 300 a.C.), citado em «Cosmos» de Carl Sagan. (2) idem, p. 228.